



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Walter Benjamin: crítica à idéia do progresso, história e tempo messiânico

Carlos Eduardo Jordão Machado¹

Resumen:

Benjamin foi pioneiro na sua crítica dialética à concepção do conceito de progresso, que desenvolveu em suas anotação ao projeto da *Obra das passagens* e, sobretudo, em seu ensaio derradeiro sobre o “Conceito de história”. Sua crítica será incorporada, em boa mediada, por Adorno e Horkheimer na *Dialética do esclarecimento*, de 1947, como também na obra póstuma de Siegfried Kracauer, *History – the last things before the last*. Pretendo destacar a valorização de Kracauer de sua crítica ao conceito de progresso, de que modo incorpora-a à sua própria concepção de história, como também discutir a crítica de Kracauer à separação, feita por Benjamin, em seu ensaio de 1940, entre tempo cronológico e tempo histórico. Mas em *History*, a figura mítica de Ashaver que vaga pelas épocas, é diferente?

¹ Professor de história da filosofia e da arte, desde 1987, na UNESP, Assis, SP, Brasil. Autor, entre outros, *Debate sobre o expressionismo. Um capítulo da história da modernidade estética*. São Paulo: Ed. UNESP, 1998; *As formas e a vida. Estética e ética no jovem Lukács (1910-18)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004; traduziu para o português, juntamente com Marlene Holzhausen, KRACAUER, S. *O ornamento da massa*. São Paulo: Cosacnaify, 2009; organizou, juntamente com Miguel Vedda: *Siegfried Kracauer. Un pensador más allá de las fronteras*. Buenos Aires: Gorla, 2010.



Walter Benjamin: crítica à idéia do progresso, história e tempo messiânico

Walter Benjamin desenvolveu do final dos anos vinte até sua morte em 1940 uma obra incomensurável e que só foi publicada pela primeira vez em 1982, *A obra das passagens*, organizada por Rolf Tiedemann. É nela que Benjamin desenvolve de maneira unívoca e dialética sua crítica à idéia de progresso, num capítulo intitulado, pelo organizador, de “Teoria do conhecimento, teoria do progresso”. Benjamin desenvolve uma versão própria do materialismo histórico livre do conceito de progresso e propõe, no seu lugar, o conceito de “atualização” – uma reformulação do conceito de progresso? Em seguida, pretendo discutir algumas teses de seu último texto, “Sobre o conceito de história”, de 1940, confrontando-as com seus interlocutores contemporâneos mais próximos, como Theodor Adorno, Ernst Bloch e, sobretudo, Siegfried Kracauer. Todos eles vão tirar proveito para suas interpretações originais do tempo histórico da crítica de Benjamin à idéia de progresso - a ruptura em contrapartida ao *continuum*.² Em seu livro póstumo, *History – The last things before the last*, Kracauer explicita sua concordância com a crítica de Benjamin à idéia de progresso e com o conceito de Marx da desigualdade temporal do desenvolvimento histórico, isto é, o conceito de “não contemporaneidade” (*Ungleichzeitigkeit*)³, conceito também caro a Ernst Bloch na sua interpretação da história alemã⁴; para, por outro lado, ao final, lançar para o debate, alguns argumentos críticos de Kracauer em relação ao conceito de “tempo messiânico” de Benjamin.

Essa obra monumental de Benjamin teve origem, enquanto modo de escrita capaz de captar o mundo descontínuo das coisas - o momento de ruptura dos processos -, na coleção de aforismos escrita entre 1923-1926 e que apareceu em livro em 1928, *Einbahnstrasse* (Rua de mão única)⁵. É nessa coleção que começa a experiência da “montagem literária”. Método expositivo capaz de reunir de

² Na vasta bibliografia sobre a obra de Walter Benjamin, não se pode deixar de mencionar o exaustivo estudo (póstumo) de J-M Palmier; PALMIER, J-H *Walter Benjamin. Lê chiffonnier, l'Ange et le Petit Bossu*. Paris: Klincksieck, 2006..

³ Sobre o conceito de “não-contemporaneidade” ou da dialética entre contemporaneidade e não- contemporaneidade e como tirar proveitos políticos dos elementos não-comptorâneos, ver, no meu livro, o capítulo “Sobre a *Herança desta época* de Ernst Bloch” in MACHADO, C.E.J. *O debate sobre o expressionismo*. Ed.Cit.; versão espanhola in VEDDA, M. (org) *Ernst Bloch. Tendencias y latencias de un pensamiento*. Buenos Aires: Herramienta, 2007, pp.55-73.

⁴ Ver o magistral capítulo: “Ungleichzeitigkeit und Berauchung” (Não contemporaneidade e embriagues) in BLOCH, E. *Erbschaft dieser Zeit*. Frankfurt aM: Suhrkamp, 1985, pp. 45-204.

⁵ Faço uma aproximação entre a “montagem literária”, em *Rua de mão única* de Benjamin, o uso da “montagem mediata” na coleção de narrativas em *Vestígios* de Bloch e a “literatura sociológica” em *Os empregados* de Kracauer: “La crítica (materialista) del mundo (discontinuo) de las cosas” in VEDDA, M. *Constelaciones dialécticas. Tentativas sobre Walter Benjamin*. Buenos Aires: Herramienta, 2008, pp. 67-79



Recordando a
Walter Benjamin
Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

modo reflexivo fragmentos aparentemente desconexos da realidade exterior, dando lhes um significado explosivo – nas palavras de Kracauer, na resenha ao livro -, “revolucionário”⁶; reunindo imagens dos sonhos e da memória; objetos aparentemente sem importância, dejetos (*Abfälle*); são micrologias que compõem um mosaico - formando “constelações dialéticas”. Como afirma Benjamin, seu trabalho “deve desenvolver ao máximo grau a arte de citar sem usar aspas”⁷. Um método que se opõe radicalmente ao formalismo da exposição metodológica tradicional (abstrata), desconectada da construção específica do objeto analisado. Em contra-partida, afirma de modo provocativo, em outro trecho: “método desse trabalho: montagem literária. Não tenho nada a dizer. Só a mostrar” (p. 574; ed. br.: p.502). A “montagem literária” vai lhe permitir relevar a descontinuidade na continuidade dos processos históricos, seus momentos de ruptura, dando fisionomia, vozes e seus respectivos nomes próprios aos dados imediatos e datas – decifrando a expressão na cultura, no caso das *passages*, da vida material do capitalismo da época e sua fantasmagoria própria produzida pela dinâmica da produção de mercadorias; sendo ela mesma, a cultura e suas objetivações, transformada em mera mercadoria como outra qualquer. É o fenômeno originário do capitalismo tardio. É justamente a montagem literária que lhe possibilita pensar a história a contrapelo, em direção diametralmente oposta, à ilusória e ideológica idéia dessa como uma mera projeção linear no tempo, um *continuum*, à maneira do historicismo, que pretende reconstruir os períodos e épocas “exatamente como foram” – base mesma de sua crítica à idéia de progresso.

Num outro trecho, Benjamin deixa claro sua proposta: “pode-se considerar um dos objetivos metodológicos deste trabalho demonstrar um materialismo histórico que aniquilou em si a idéia de progresso. Precisamente aqui o materialismo histórico tem todos os motivos para se diferenciar rigorosamente dos hábitos de pensamento burgueses. Seu conceito fundamental não é o progresso, e sim a atualização” (p.574, ed. bra. p. 502). A questão é metodológica no sentido de como conceber a narrativa da história, mas ao mesmo tempo imediatamente política. O seu ensaio “Sobre o conceito de história”, foi escrito, como lembra Jeanne Marie Gagnebin, “sob o impacto do acordo de agosto de 1939 entre Stalin e Hitler, critica duas maneiras aparentemente opostas de escrever a história (...)

⁶ KRACAUER, S. “Sobre os escritos de Walter Benjamin” (*Frankfurter Zeitung*, 15/07/1928) in *O ornamento da massa*. Ed. cit., p. 284.

⁷ BENJAMIN, W. *Das Passagen-Werk*. Frankfurt aM: Suhrkamp, 1983, p. 572. A edição brasileira deve ser citada pelo trabalho cuidadoso da equipe de tradutores, a organização e apresentação dos materiais feitos por Wille Bolle com a colaboração de Olgária Matos. *Passagens*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/ Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006, p. 502.



segundo Benjamin, a historiografia `burguesa´ e a historiografia `progressista´ se apóiam na mesma concepção de um tempo `homogêneo e vazio´(...) um tempo cronológico e linear”⁸. Conforme o próprio Benjamin afirma no final da tese 13: “a idéia de um progresso da humanidade na história é inseparável de sua marcha no Interior de um tempo vazio e homogêneo. A crítica da idéia de progresso tem como pressuposto a crítica da idéia dessa marcha”⁹.

Cabe somar aqui os comentários de Adorno de 1962, num ensaio magistral, intitulado, “Progresso”: “a polêmica de Benjamin contra a fusão de progresso e humanidade que apresentam as teses sobre o conceito de história, o mais importante, talvez, sobre a crítica da idéia de progresso que tenha sido pensado por parte de quem, no campo cruamente político, se conta entre os progressistas”¹⁰. Nesse importante ensaio de Adorno, que se coloca radicalmente contra a redução da idéia de progresso ao mero acúmulo das habilidades técnicas, ao mero domínio sobre a natureza, começa perguntando: “progresso para onde, em que, em relação aonde” (p.29). É um de seus ensaios mais claros e didáticos - o que não é pouca coisa ou comum em se tratando do autor de *Teoria estética*. Realiza um *detour* histórico do conceito. Uma exposição que parte da concepção do tempo circular, do destino, dos antigos, à concepção inovadora de Agostinho, que contrapõe a *civitas Dei* à *civitas terrena*, e sua secularização posterior; chegando a Kant, com a unidade entre progresso das aptidões e desenvolvimento moral - e culmina com a idéia do progresso como um processo contraditório avassalador que se realiza às costas dos indivíduos singulares, a tragédia do ético em Hegel, e em Marx - eles, os indivíduos, não sabem, mas o fazem; seu posterior esvaziamento, se transformando em mera ideologia opressora, em mito; ressaltando o negativo das críticas de Benjamin e Kafka. Ele compara o progresso, num trecho muito sugestivo, recorrendo a uma imagem de contos de fada (*Märchen*), a um gigante que depois de um sono imemorial, despertasse, se colocasse de pé, e aos poucos começasse a andar e, em seguida, a correr e a destruir tudo ao seu redor¹¹.

⁸ GAGNEBIN, J. M. “Walter Benjamin ou a história aberta” in BENJAMIN, W. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996, pp. 7-8

⁹ “Sobre o conceito de história” in BENJAMIN, W. Ed. Cit., p. 229. Trad. Sérgio Paulo Rouanet.

¹⁰ ADORNO, Th. “Fortschritt” in *Stichworte*. Frankfurt aM: Suhrkamp, 1969, pp.30-31

¹¹ Adorno num ensaio preparatório da *Dialektik der Aufklärung*, escrito em 1942, *Reflexionen zur Klassentheorie*, chama a atenção que a descoberta da economia política, Marx, sobre a história como luta de classes, lança luz sobre a história inteira da humanidade, ou seja, a onde há divisão coercitiva do trabalho e hierarquia, há expropriação do trabalho alheio. É como se no silêncio das ruínas e das pirâmides ecoasse, na paisagem do inexorável, o barulho das fábricas (ADORNO, Th. *Soziologische Schriften I*. Frankfurt aM: Suhrkamp, 1979, pp.373-74). Enfatizando o momento da permanência sobre a mudança, ontologizando-o - ecos heideggerianos na sua concepção da história? – malgrado ele mesmo. Assunto para uma longa discussão...



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Formula uma interessante contradição do conceito de progresso: ao afirmá-lo, somos obrigados a negá-lo, não há progresso; e ao rejeitá-lo, afirmá-lo. Apesar de pensar o progresso em meio a uma dinâmica das contradições, sua concepção difere da de Benjamin, que coloca em seu lugar a idéia de “atualização”. Adorno se apóia ainda, não por acaso, em termos estéticos, na sua incansável defesa da autonomia da arte - diversamente de Benjamin com a idéia de perda da aura da obra de arte - na idéia do progresso do material artístico, residindo nesse ponto, justamente, o calcanhar de Aquiles de sua interpretação da nova música, segundo Peter Bürger, a base mesma de sua posição anti-vanguardista¹².

Bloch pensa a dinâmica do processo histórico como pluridimensional, uma contemporaneidade preta de desenvolvimentos históricos não contemporâneos num mesmo presente histórico simultâneo. Não são processos que se realizam paralelamente sem conexão entre si, mas uma dialética multidirecionada de contemporaneidade e não-contemporaneidades. O progresso é um conceito diferenciado e não univocamente direcionado; para ele, há perdas no progredir¹³. Neste ponto, Bloch está de acordo com Benjamin na sua crítica ao historicismo. Mas ele também, como Adorno, *mutatis mutandis*, pensa uma reformulação multivoca ou negativa, no caso do segundo, poderia se dizer, do conceito de progresso. No início dos anos 1960, já em Tübingen, escreve alguns ensaios que têm o momento de ruptura como centro (da mesma época do texto de Adorno); num deles, se apóia na tese 16 de “Sobre o conceito de história” de Walter Benjamin: “o materialista histórico não pode renunciar ao conceito de um presente que não é transição, mas pára no tempo que se imobiliza (...) Ele deixa a outros a tarefa de se esgotar no bordel do historicismo, com a meretriz (*Hure*) `era uma vez`. Ele fica senhor das suas forças, suficientemente viril para fazer saltar pelos ares o *continuum* da história” .

O momento de ruptura é o centro das reformulações críticas do conceito de progresso de Bloch, de Adorno (negativo) - mas afinal o que significa o conceito de atualização em Benjamin senão o aniquilamento do progresso como contínuo da história? – A “atualização” não acontece senão aniquilando a continuidade da marcha do progresso como sendo a própria história da humanidade; interrompendo-a, e, na ruptura, dar vozes ao que foi emudecido, ao que se perdeu no progredir.

¹² “Sobre o anti-vanguardismo de Adorno” in BÜRGER, P. *Zur Kritik der idealistischen Ästhetik*. Frankfurt aM: Suhrkamp, 1983, pp.128-135.

¹³ “*Verluste im Fortschreiten*” in BLOCH, E. “Differenzierungen im Begriff Fortschritt” in *Tübinger Einleitung in die Philosophie*. Frankfurt aM: Suhrkamp, 1977, p. 118. Mais sobre Bloch e seu “pensar fabulando”, ver meu ensaio: “O sonho de uma coisa. Sobre o pensar fabulando de Ernst Bloch” in ALMEIDA, J. DE (org). *Pensamento alemão do se c. XX*. São Paulo: Cosacnaify, 2009.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

A crítica de Kracauer à idéia do *continuum* remonta a seu texto pioneiro (1927) sobre a técnica da fotografia ao como paralela ao historicismo, como se “esta fotografia do tempo corresponderia a um filme gigantesco que representasse univresalmente os acontecimentos relacionados” (66). “A fotografia” antecede mais de quatro anos ao ensaio de Benjamin, “A pequena história da fotografia” de 1931.¹⁴ Ambos traçam um paralelo entre fotografia e a tradição do historicismo, paralelo que está na base da valorização do descontínuo, da ruptura, da história, em contraposição à idéia do progressivo desenvolvimento linear do tempo histórico. O conceito benjaminiano de “atualização” é impensável sem essa contraposição crítica e histórica. É ele quem leva as últimas conseqüências a crítica à idéia do progresso; aniquila, no momento de ruptura, o *continuum* – uma dialética peculiar entre continuidade e descontinuidade, na qual o descontínuo se rompe do contínuo; uma dialética em retenção (*Stilstand*). Certamente a questão da relação entre a técnica da fotográfica e o historicismo, quanto a crítica ao progresso como *continuum* histórico, estavam, como se diz, “no ar”. Mas Benjamin é o mais conseqüente.

A relação entre imagem fotográfica e história, a tensão entre micro e macro-história, a dialética entre tempo físico e história são temas-chave da última obra de Kracauer, *History*. Esta forma com sua *Theory of Film* de 1961 um díptico peculiar. Peter Schöttler reconstruiu¹⁵, recentemente, o interessante diálogo entre Kracauer e o autor de *Apologie de l'histoire*, Marc Bloch – que merece destaque para entender como Kracauer concebe a relação entre história e imagem ou entre a fotografia e o trabalho do historiador. É a partir dele que Kracauer formula, em *History*, elegendo a fotografia como um modo de percepção sutil e produtiva, a teoria da “passividade ativa” do processo fotográfico, comparando com o trabalho do historiador em relação às suas fontes, evocando a técnica da “clicagem automática” (*déclencheur automatique*) como aquele máximo de objetivismo na aproximação subjetiva do real. (Cf.85). É de Marc Bloch também a expressão “o tátil das palavras” (*tact des mots*), aquela “característica da última fase do trabalho do historiador” (p.89). Aquele átimo, em que o historiador

¹⁴ Sobre Benjamin e a técnica fotográfica ver STIEGLER, Bernd. Walter Benjamins Photoalbum oder das Lesen von Photographien als Kulturtechnik (man). Do mesmo autor: *Bilder der Photographie. Ein Album photographischer Metaphern*. Frankfurt aM: Suhrkamp, 2006

¹⁵ “L'historien entre objectivisme et subjectivisme. Siegfried Kracauer face à Marc Bloch” in DESPOIX, Ph./SCHÖTTLER, P. (org). *Siegfried Kracauer. Penseur de l'histoire*. Paris: Sciences de l'homme, 2006, pp.77-92. Escrevi uma resenha sobre essa excelente coletânea in *Herramienta*. 39. Buenos Aires: Herramienta, 10/2008, pp. 145-148.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

vislumbra elementos utópicos “antes das últimas coisas”, ao encontrar, na ante-sala, conforme se lê na última frase de *History*, “a terra incógnita numa vala comum entre países que nos são familiares”¹⁶.

Por último, Kracauer publicou em 1962 seu único capítulo de *History*, “Time and history”, que no livro corresponde, com poucas modificações, ao capítulo 6: “Ashaver ou o enigma do tempo”. Nele Kracauer desenvolve uma complexa discussão sobre a dialética entre tempo cronológico e tempo histórico, confrontando-se com autores como Croce, Hegel, Marx, Burckhart, Marc Bloch e Henri Pirenne, Proust e Kafka, Jaus e Walter Benjamin, entre outros. Cabe aqui dar atenção apenas a dois momentos do texto, nos quais Kracauer comenta as “Teses sobre o conceito de história” de Benjamin. Na primeira referencia, Kracauer se mostra de acordo com a crítica de Benjamin à identidade entre tempo cronológico e tempo histórico inerente à idéia de progresso como *continuum*. “Como observa judiciosamente (*judiciously*) Benjamin, se a idéia de progresso é insustentável, é principalmente porque ele é inseparável da idéia de tempo cronológico como matriz de um processo portador de sentido” (pp.149-150). Por outro lado, o modo como Benjamin, valorizando o momento de ruptura no progredir e instaurando o tempo messiânico, aquele momento que engendra uma dialética em retenção (*Stilstand*), os tiros que os operários na Revolução de julho disparam contras os relógios localizados nas torres; ou aquele segundo no qual o Messias poderia penetrar pela porta estreita. Segundo Kracauer: “Walter Benjamin... se autoriza a um procedimento não-dialético; ele dirige sua atenção ao não-ser (*nonentity*) do tempo cronológico, sem se preocupar minimamente com o outro lado da medalha. Que existem dois lados, isso foi raramente reconhecido” (p.155). Ou seja, para Kracauer pensar o tempo histórico, que não é idêntico ao tempo cronológico, dissociado do tempo físico, os “dois lados”, é meta-física – uma concepção não dialética do tempo histórico. Mas em Benjamin, não seria o tempo “messiânico”, alegórico, ou seja, de sentido não literal, a-teológico - o momento da revolução?

¹⁶ KRACAUER, S. *History. The last things before the last..* New York: Oxford University Press, 1995, p. 217. A nova edição alemã, KRACAUER, S. *Werke. Band 4. Geschichte-Vor den letzten Dingen.* Frankfurt aM: Suhrkamp, 2009, republica a interessante e instigante discussão - que mereceria um exaustivo estudo a parte -, “Das Ästhetische als Grenzeerscheinung der Histoire” (O estético como fenômeno limite da história), de Kracauer com o grupo *Poetik und Hermeneutik*”, realizada em setembro de 1966, poucos meses antes de seu falecimento.